

## **"Universidad, Internacionalización, regionalización: notas para a linha editorial e apresentação"**

Paula Regina de Jesus Pinsetta Pavarina, Regina Claudia Laisner, María Julieta Abba,  
Silvina Elías, Danilo Romeu Streck y Lionel Korsunsky

Nas últimas décadas, o ensino superior se vê confrontado com um novo desafio imposto pela agenda da globalização. A internacionalização surge no cenário das instituições de ensino superior (IES) como uma espécie de mandato a cumprir para fazer parte da grande rede de produção e reprodução do conhecimento, formada por universidades, centros de ensino superior e institutos de investigação do todo o mundo.

Porém, apesar da presença do tema nas políticas e instituições públicas e dos avanços em termos quantitativos, vale lembrar a observação de Gacel-Ávila (2012), a respeito dos depoimentos de autoridades universitárias e responsáveis pelas políticas de internacionalização. Segundo este autor estas políticas são predominantemente retóricas, ao invés de uma prática consolidada, planejada e articulada, apesar de algumas ações interessantes realizadas nos últimos anos. Ou seja, quando falamos em internacionalização do Ensino Superior, estamos diante de um fenômeno ainda em construção e cuja implantação está na agenda de gestores, acadêmicos e estudantes.

Desta forma, ainda que o tema passou a ocupar uma função estratégica nas IES, são múltiplas as interpretações desta 'dimensão internacional': mobilidade acadêmica de estudantes de graduação, pós-graduação e docentes, bem como de pessoal técnico-administrativo; colaboração ou desenvolvimento conjunto de pesquisas; delimitação de projetos internacionais em educação superior; internacionalização do currículo ou das estruturas curriculares em programas e cursos gerais (como no caso da dupla titulação) ou de disciplinas específicas; cooperação interinstitucional e prestação de serviços educacionais, como, por exemplo, o estabelecimento de filiais de faculdades/ universidades no exterior ou redes transnacionais de IES (Van Damme, 2001).

Para além da compreensão institucional, o tema tem uma abordagem diferente conforme sejam distintos os atores e agentes que desenvolvem essas políticas e ações nas próprias IES, nos organismos internacionais ou nas agências governamentais nacionais vinculadas à educação, através de áreas e programas específicos de promoção da internacionalização. Nesse sentido, coexistem múltiplas interpretações do processo de internacionalização em conexão com o conceito de educação superior que impactam seu desenvolvimento nas universidades: em alguns países e IES consideram-no em sintonia com o que é proposto pela UNESCO, ou seja, como bem público e como um direito universal; enquanto outros aproximam esse processo de uma visão comercial ou de mercado, em sintonia com o que é recomendado pela Organização Mundial do Comércio (OMC) e pelo Banco Mundial, o que estaria, portanto, sujeito à regulação por parte do mercado.

Do mesmo modo, dentro da literatura acadêmica, também se apresentam diferentes perspectivas. É inegável que o debate teórico sobre internacionalização tem se concentrado

em alguns autores pertencentes ao *Norte Global*, que constituem o que é hoje conhecido como o referencial teórico *mainstream* dentro do campo de estudos da internacionalização. Porém, nos últimos anos, vem se construindo uma outra perspectiva sobre a temática, a partir do Sul Global, que se concebe como crítica e autônoma da perspectiva *mainstream*. Tal é o caso de livros que reúnem reflexões coletivas, como os de Tangelson (2014), Rinesi (2013), Perrota (2016), Korsunsky (2019) e pesquisas que derivaram de teses de doutorado, como as de Leal (2020) e Abba (2018). Também estão enquadrados nesta perspectiva crítica os estudos de Beneitone (2013); Oregioni (2017); Finardi, Guimarães e Mendes (2019); Leite e Genro (2012), entre outros.

No entanto, Guimarães-Iosif e Pollom Zardo (2015) destacam que, embora o número de investigações sobre o tema internacionalização tenha aumentado consideravelmente na América Latina, ainda é necessário ampliar os estudos, levando em consideração as diversas áreas do conhecimento e as diferentes abordagens epistemológicas. Afirmam também que “[...] aunque tengan un relativamente alto índice de productividad, los especialistas latinoamericanos reconocidos y citados por sus pares son pocos y los grupos expertos son escasos y muchas veces estructurados en torno a algunos líderes” (Aupetit, 2014, p. 14).

É por isso que consideramos que há muitas razões para refletir acerca da internacionalização do Ensino Superior, dependendo dos gestores, instituições, autores acadêmicos e regiões desde de onde se aborde o tema. Desta forma, é necessário trazer e considerar a internacionalização como tema central, ainda em construção e com sentidos em disputa para a reflexão e o debate, já que não parece possível - nem desejável - manter-se à margem desse processo.

Devemos sim enfrentar o desafio de pensar e planejar nossa inserção neste debate, tarefa à qual nos propomos com a construção desta Revista e a partir da Rede que acolhe esta iniciativa: criar um espaço e uma oportunidade de reunir pesquisadores e gestores para refletir sobre a internacionalização da Educação Superior desde o lugar de onde localizamos nossos discursos e nossas práticas de internacionalização, ou seja, com contribuições *desde o Sul*, com uma perspectiva crítica e alternativa.

O que sustenta nosso argumento aqui é que, antes de mais nada, a internacionalização é um chamado para olharmos para nós mesmos, entendermos melhor quem somos e o papel que desejamos desempenhar no cenário mundial. Nos últimos dez anos, tem havido um intenso avanço na internacionalização das IES na América Latina a partir da cooperação sul-sul e da integração entre pares universitários da região. Cada vez mais se difunde uma visão que começa a questionar e contrariar o desenvolvimento de uma internacionalização hegemônica, alicerçada em valores claramente mercantis da lógica universal do capitalismo, para trilhar um caminho diferente apoiado nos fundamentos da solidariedade, cooperação, horizontalidade, e a busca coletiva de soluções para os problemas que afligem a região, neste caso em matéria de Educação Superior.

Esta perspectiva se aproxima muito dos princípios que foram incorporados na Declaração da Conferencia Regional de Educação Superior da América Latina e Caribe (CRES), realizada em 2008, na cidade de Cartagena de Índias, Colômbia. Neste documento se ressalta a utilização de enfoques próprios que respondam a características de nossa região: “[...] marcadamente pluricultural y multilingüe. La integración regional y el

abordaje de los desafíos que enfrentan nuestros pueblos requieren enfoques propios que valoren nuestra diversidad humana” (Declaración de la CRES, 2008, p. 11).

Da mesma forma, na Declaração da III Conferência Regional de Educação Superior, realizada na cidade de Córdoba em 2018, o postulado da Educação Superior é reafirmado como um bem público social, um direito humano universal e um dever dos os Estados” (Declaração do CRES, 2018, p. 1), e sintetiza um compromisso estabelecido entre gestores e pesquisadores de IES latino-americanas com uma concepção de educação própria da região. Para isso, seria essencial o distanciamento da concepção da Educação Superior como uma mercadoria. Assim, a Declaração CRES de 2018 sugere que os Estados nacionais latino-americanos não assinem “acuerdos bilaterales o multinacionales de libre comercio que impliquen concebir a la educación como un servicio lucrativo o fomentar formas de mercantilización en cualquier nivel de sistema educacional [...]” (Declaración de la CRES, 2018, p. 1).

Nesta perspectiva, considera-se que o desenvolvimento da internacionalização da Educação Superior desde e para a América Latina não pode ser entendido separadamente de uma compreensão mais ampla da situação da região marcada pelo subdesenvolvimento dentro da lógica de centro-periferia, já apontada pelos estruturalistas fundadores da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), Prebisch e Furtado.

Desde a década de 1940, essa corrente de pensamento já enfatizava a assimetria que caracteriza as relações entre países centrais e periféricos, contribuindo, ainda hoje, de forma decisiva, para a compreensão dos problemas que caracterizam este processo (Goldenstein, 1994). Ademais, influenciou e possibilitou a leitura posterior dos "dependentistas", em suas várias correntes, que coincidiram em apontar a dependência do caráter dos países subdesenvolvidos, trazendo a ampliação dos debates sobre o caráter desigual dentro do capitalismo. A situação de dependência é caracterizada como uma situação na qual um certo número de países tem suas economias condicionadas pelo desenvolvimento e expansão de outros (...), o que coloca os países dependentes em situação desfavorável enquanto são explorados pelos países dominantes (Viotti e Kauppi, 1987, p. 349).

Este entendimento deve resgatar, além das ideias cepalinas e dependentistas, a luta anticolonial a elas ligada, de autores como Simón Bolívar, José de San Martín, Simón Rodríguez, José Martí e tantas outras figuras que fizeram parte de nossa história regional na busca de uma identidade própria e emancipadora, sem que a situação da colônia se atualizasse, já que "la colonia continuó viviendo en la república", como afirma Martí em "Nuestra América " (1891).

Certamente, pensar na internacionalização universitária desde a América Latina significa levar em conta a herança colonial que se repõe nas situações de subdesenvolvimento e dependência e se reflete em muitas práticas acadêmicas e institucionais. Isso pode ser verificado no fluxo desigual da mobilidade acadêmica, com um número significativamente maior de estudantes, professores e pesquisadores latino-americanos se mudando para países do “centro”; na valorização de teorias do conhecimento “de fora” em detrimento de saberes considerados locais e regionais; na falta de políticas de aprendizagem de línguas estrangeiras que possibilitem um efetivo intercâmbio acadêmico, entre outros aspectos muito visíveis desse fenômeno.

Assim, o conceito de colonialidade, cunhado por Aníbal Quijano (2008), apresenta-se como fundamental para a análise da internacionalização já que remete à matriz de poder que se estabeleceu a partir do colonialismo europeu, e que continua exercendo seu domínio na atualidade nos âmbitos da existência, do conhecimento e da natureza. Walter Mignolo (2010) explica que “[...] el concepto de colonialidad ha abierto la reconstrucción de historias silenciadas, subjetividades reprimidas, lenguajes y conocimientos subalternizados por la idea de totalidad definida bajo el nombre de modernidad y racionalidad” (p. 14). Desta maneira, entendemos a colonialidade dentro de um contexto teórico-prático no qual se pode encontrar o desenvolvimento não somente da teoria da dependência, mas também de outras perspectivas teóricas tão relevantes quanto ela, como a teologia da libertação, a pedagogia do oprimido, a educação popular e pesquisa-ação. Todas essas reflexões e experiências também fornecem bases e horizontes para pensar a internacionalização desde e para a América Latina.

Uma perspectiva crítica do atual processo de internacionalização da Educação Superior relacionada a esse debate também pode ser observada na *divisão internacional do trabalho universitário a partir de uma nova geopolítica do conhecimento* e dos riscos que esse processo acarreta (Lima e Contel, 2011). Sobre este tema, os autores apresentam suas reflexões sobre uma internacionalização universitária desigual, gerada pelo aumento das distâncias e nas diferenças no acesso e disseminação de conhecimentos entre os países em uma *geopolítica do conhecimento* com novas características. Os mesmos autores (Lima e Contel, 2011) dividem os países em ‘nações ativas’ e ‘nações passivas’, dependendo da posição adotada pelos governos quanto ao processo de internacionalização do Ensino Superior. Com essa conotação, concluem que, embora alguns países se considerem "ativos" - especialmente os países que combinam os recursos e esforços do governo, traduzidos em políticas públicas para esse fim e objetivo; outros permanecem 'passivos', sem ações efetivas e sem um Estado proativo, ficando à mercê dos interesses dos outros.

Aos países 'passivos' cabe o papel de dar “boas vindas” às propostas realizadas no estrangeiro e contribuir para este processo de internacionalização de forma marginal, pela falta de estrutura, tradição ou reputação internacional, recursos para instalação de unidades fora do país, facilidades para aceitação de docentes, estudantes e pesquisadores ou serviços educacionais de interesses externos. Enquanto isso, a internacionalização “ativa” baseia-se em atitudes institucionais e políticas públicas dirigidas à captação de recursos humanos qualificados do exterior e à promoção de pesquisas externas. Como exemplo, pode-se citar políticas para aumentar o número de professores, alunos e pesquisadores estrangeiros em diferentes atividades (aulas, aconselhamento, participação em grupos de pesquisa); a alocação de recursos financeiros; o estabelecimento de normas e procedimentos menos burocráticos para facilitar o recebimento desses recursos humanos ou a divulgação (publicação) dos resultados da pesquisa, entre outras medidas.

Já na internacionalização “passiva”, as universidades tornam-se internacionais através dos seus membros ou melhor, através das ações dos seus membros - professores e pesquisadores - junto a universidades estrangeiras ou através de publicações em veículos de divulgação externa. Marrara e Rodrigues (2009, p. 132) concluem: “a estratégia que a internacionalização passiva implica depende muito mais das IES estrangeiras do que da própria instituição de ensino superior nacional”. As atividades visam estimular a mobilidade internacional de professores, alunos e pesquisadores no exterior, bem como a

participação em eventos, cursos e programas e estágios no exterior. A internacionalização ocorre muito mais no exterior (no exterior) do que no interior (em casa), o que inclui mudanças sistemáticas nas atitudes e estratégias das IES nacionais (Gacel-Ávila et al., 2005). Marrara y Rodrigues (2009, p. 132) concluem: “Pela estratégia que envolve, a internacionalização passiva depende muito mais das IES estrangeiras do que da própria IES nacional.” As atividades são construídas para incentivar a mobilidade internacional de professores, estudantes e pesquisadores para o exterior, bem como a participação em eventos, cursos e programas e estágios no exterior. A internacionalização ocorre muito mais para fora (no exterior) do que no interior (em nível doméstico), o que inclui mudanças sistemáticas nas atitudes e estratégias das IES nacionais (Gacel-Ávila et al., 2005).

Os riscos dessa divisão internacional são evidentes: (1) o risco de “fuga” ou “empréstimo” de cérebros; ou seja, o movimento internacional de trabalhadores qualificados de países em desenvolvimento para países desenvolvidos, onde as atividades de estudo/pesquisa são possíveis em condições institucionais mais favoráveis, ou o uso do potencial profissional no mercado de trabalho com oportunidades e compensações mais benéficas (Miranda, 2008); (2) o risco de “desnacionalização” dos temas de pesquisa ou perda de foco na realidade local, regional ou mesmo nacional, com concentração em questões de interesse internacional, com vistas a garantir financiamento e posterior divulgação internacional (Miura, 2006); (3) o aprofundamento do processo de divisão do trabalho, considerando as desigualdades de recursos financeiros, instrumentais e técnicos de pesquisa e divulgação científica dos “países ativos”; (4) o processo de transferência de pensamentos de países hegemônicos (considerados “ativos”) para “passivos”, ampliando a rede de influência cultural e política nos países desenvolvidos (Lima e Maranhão, 2011); e (5) a homogeneização da diversidade cultural e científica, pautada na visão dos países “ativos”.

Antes de cumprir esta inserção periférica e dependente, a consciência destes riscos, sofridos tanto pelos países como pelas universidades da América Latina, motiva o estabelecimento de alternativas de reflexão e ação, bem como a organização e divulgação dessas alternativas de forma a agir para compreender este processo de internacionalização do Ensino Superior a partir de uma abordagem crítica. Esse é o objetivo da revista que inauguramos nesta edição. Projeto que nasce dentro da *Rede de Pesquisadores e Gestores da Internacionalização da Educação Superior na América Latina* (REDALINT), comprometida com a análise da internacionalização desde uma perspectiva crítica e como um fenômeno complexo, seja a partir da prática dos gestores, assim como objeto de estudo de professores e pesquisadores. REDALINT foi criada em 2015 a partir da IX Chamada de Projetos de Fortalecimento de Redes Interuniversitárias da Secretaria de Políticas Universitárias (SPU), pertencente ao Ministério da Educação da Argentina e a partir desse ano iniciamos diversos encontros para troca de conhecimentos e reflexões sobre a internacionalização da universidade entre seus participantes. Atualmente, é formada por pesquisadores e gestores de duas universidades brasileiras (Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) e duas universidades argentinas (*Universidad Nacional del Comahue* e *Universidad Nacional del Sur*).

Em relação à região de estudo, o trabalho da rede centra-se na América Latina, visto que se considera necessário compreender a internacionalização de acordo com a realidade

que rodeia as nossas universidades latino-americanas e com base na produção científica regional sobre o assunto. No entanto, isso não significa a exclusão ou rejeição de contribuições teóricas geradas em outras regiões, que são importantes para o estudo da internacionalização. De fato, a grande produção teórica *mainstream* sobre o assunto, de autores americanos, canadenses e europeus, tem contribuído para o desenvolvimento de importantes pesquisas no campo da internacionalização latino-americana. A questão é conhecer o processo de internacionalização a partir dos seus próprios sujeitos, de um determinado contexto e das condições materiais que permitiram o seu desenvolvimento; fatores que diferem de acordo com o lugar geográfico e epistemológico de onde abordamos um determinado fenômeno. A América Latina é uma região com grande heterogeneidade em seus sistemas universitários, marcada pela diversificação institucional e pela disparidade de qualidade que merece o estudo da internacionalização a partir de uma abordagem pluralista e na busca de uma identidade regional.

Com base nesse argumento, uma das primeiras ações da REDALINT foi a criação de um Acervo Digital Latino-americano que reúne atualmente mais de 200 produções científicas (artigos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, livros e capítulos de livros) sobre a internacionalização da Educação Superior elaborado por autores e autoras da América Latina e que foram publicados nesta região. O ponto de partida para a construção do Acervo foi a descoberta de três problemas detectados ao se analisar o tema da internacionalização: a) escassez de intercâmbios bibliográficos entre grupos de pesquisa e redes relacionadas ao tema, b) desconhecimento da produção acadêmica de colegas de outros países latino-americanos e c) dificuldade em encontrar material bibliográfico em várias bases de dados latino-americanas. Foi a partir do reconhecimento desses problemas que entendemos que a divulgação da produção científica e o livre acesso a ela é de vital importância para conhecer o material sobre internacionalização na América Latina e assim poder caracterizar este fenômeno a partir de uma literatura própria em diálogo com outras regiões.

Em consonância com o debate sobre a produção científica sobre internacionalização, outra das ações promovidas pela rede, como já mencionado, é a criação desta revista com o título: “*Revista REDALINT. Universidad, Internacionalización e Integración Regional*”. Esses três conceitos são os eixos de ação da revista e nos quais nos concentraremos para desenvolver as reflexões dos autores convocados. Esperamos poder consolidar entre todos e todas os conhecimentos da e para a nossa região sobre estas questões, de forma a consolidar um diversificado *corpus* teórico de reflexões e trocas de experiências, que nos permita crescer na construção de nossas IES latino-americanas.

Neste primeiro número da revista, são apresentadas diferentes perspectivas que nos apresentam algumas das discussões que revisamos brevemente. Nesse sentido, na **seção de artigos**, Jane Knight caracteriza a evolução global do conceito de internacionalização da Educação Superior desde seu início até seus mais recentes significados; Eduardo Rinesi reflete sobre a internacionalização e a integração regional a partir do conceito do direito emergente à Educação Superior na América Latina e Danilo R. Streck e Carolina Schenatto da Rosa fazem o mesmo sobre as múltiplas conexões e vinculações que os processos de internacionalização e cidadania adquirem em nível geral e, em particular para a nossa região. Na **seção de experiências de pesquisa**, apresenta-se uma análise de Lionel Korsunsky e Fiorella Wernicke sobre o estado dos processos de internacionalização nas

universidades argentinas a partir da perspectiva de seus escritórios de relações internacionais. Por sua vez, na **seção sobre experiências de gestão da internacionalização**, Robinson Restrepo García e Mariano F. Ameghino nos apresentam uma atividade particular de intercâmbio estudantil entre a Colômbia e a Argentina que desenvolvem em suas universidades relacionadas com a promoção de uma "internacionalização solidária". Para fechar este primeiro número, Valeria Pattacini revê uma recente publicação "Internacionalização e integração regional: percepções, concepções e práticas nas universidades" que avança na análise concreta dessas concepções a partir de uma pesquisa financiada pelo Núcleo de Estudos do Mercosul Educacional, do qual participaram universidades da Argentina, Brasil, Chile e Paraguai.

Esperamos que a “*Revista REDALINT. Universidad, Internacionalización e Integración Regional*” seja o início de um processo que permita consolidar uma comunhão de interesses em torno da internacionalização universitária em uma perspectiva crítica, distinta e autônoma, onde uma visão alternativa de e para a nossa região faz-se fundamental. Estão assim, todas e todos os professores, pesquisadores, graduados, estudantes, autoridades e gestores das nossas IES convidad@s a colaborar para expressar as suas reflexões sobre a internacionalização universitária na chamada de artigos que iniciamos nesta oportunidade para contribuir em futuras edições,

## REFERÊNCIAS

- ABBA, María Julieta. Límites y potencialidades para el desarrollo de una internacionalización de la educación superior necesaria: estudio de caso de la UNILA (Brasil) y la ELAM (Cuba). 2018. 278 f. Tesis (Doctorado en Educación) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2018.
- AUPETIT, S.D. La internacionalización de la educación superior en América Latina: transitar de lo exógeno a lo endógeno. México, DF: Unión de Universidades de América Latina y el Caribe - UDUAL, 2017.
- BENEITONE, Pablo. De la Cooperación Internacional a la Internacionalización de la Educación Superior: ¿cambio de paradigma o maquillaje conceptual? In: TANGELSON, G. Desde el sur: miradas sobre la internacionalización. Lanús, Buenos Aires: Ediciones de la UNLa. Universidad Nacional de Lanús, 2014, p. 29-38.
- DECLARACIÓN DE LA CONFERENCIA REGIONAL DE EDUCACIÓN SUPERIOR (CRES) EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE 2008. Disponible en: [https://www.mineduacion.gov.co/1621/articles-230245\\_archivo\\_pdf\\_declaracion.pdf](https://www.mineduacion.gov.co/1621/articles-230245_archivo_pdf_declaracion.pdf)
- DECLARAÇÃO DA CONFERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR (CRES) NA AMÉRICA LATINA E O CARIBE 2018. Apresentada na assembleia da III Conferência Regional de Educação Superior celebrada na Universidade Nacional de Córdoba, aos 14 dias do mês de junho de 2018. Disponível em:

- <<http://www.cres2018.org/uploads/Declaracion2018-Port-CRES.pdf>>. Acesso em 31 jan. 2019.
- FINARDI, Kyria Rebeca; GUIMARÃES, Felipe Furtado; MENDES; Ana Rachel. Pensando la Internacionalización (Crítica) de la Enseñanza Superior Brasileña. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, SP, v. 6, p. 1-23, 2019.
- GACEL-ÁVILA, J. (2012). Comprehensive Internationalisation in Latin America. *Higher Education Policy*, 2012, 25, (493-510).
- GARCEL-ÁVILA, J.; JARAMILLO, I. C.; KNIGHT, J.; De WIT, H. (2005). "The Latin American way: trends, issues, and directions". In: De Wit, H.; Jaramillo, I.C.; Garcel-Ávila, I.; Knight, J. (eds). *Higher education in Latin America: the international dimension*. Washington, DC: The International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank.
- GOLDENSTEIN, L. (1994). *Repensando a Dependência*. São Paulo: Paz e Terra.
- KORSUNSKY, Lionel (Comp.) *Internacionalización e integración regional. Percepciones, concepciones y prácticas en las universidades*. Neuquén: EDUCO, 2019.
- LEAL, Fernanda Geremias. *As bases epistemológicas dos discursos dominantes de 'internacionalização da educação superior' no Brasil*. 2020. 339f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Brasil, 2020.
- LEITE, Denise; GENRO, Maria Elly Herz. *Avaliação e internacionalização da educação superior: Quo vadis América Latina? Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, v. 17, n. 3, p. 763-785, 2012
- LIMA, M.C.; CONTEL, F. B. (2011). *Internacionalização da educação superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento*. São Paulo: Alameda.
- LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. A. (2011). "Políticas curriculares da internacionalização do ensino superior: multiculturalismo ou semiformação?" *Ensaio: avaliação de políticas públicas educacionais*, v.19, n.72, p. 575-598.
- MARRARA, T.; RODRIGUES, J. A. (2009). "Medidas de internacionalização e o uso de idiomas estrangeiros nos programas de pós-graduação brasileiros". *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v.6, n.11, p.121-143.
- MARTÍ, J. (1891). "Nuestra América." En "El Partido Liberal". México, 30 de enero de 1891. En *Obras Completas*. Tomo 6. Páginas 15 a 23.
- MIGNOLO, W. (2010). *Desobediencia epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo.
- MIRANDA, X. Z. (2008). "Integración regional e internacionalización de la educación superior en América Latina y el Caribe". In: Gazzola, A.L.; Didriksson, A. (ed.) *Tendencias de la educación superior en América Latina y el Caribe*. Caracas: IESALC-UNESCO.
- MIURA, I. K. (2006). "O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo de três áreas de conhecimento". Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- OREGIONI, María Soledad. *La internacionalización universitaria desde una perspectiva situada: Tensiones y desafíos para la región latinoamericana*. *Revista Internacional de Educação Superior*, Unicamp, Campinas, v. 1, n. 3, p. 114–133, 2017.



- 
- PERROTA, D. (2016). La internacionalización de la Universidad. Debates globales, acciones regionales. Buenos Aires: IEC –CONADU. Universidad Nacional General Sarmiento.
- QUIJANO, A. (2008). Coloniality of power, Eurocentrism, and Latin America. In: Mabel MORANA, Enrique DUSSEL, and Carlos A. JÁUREGUI (eds). *Coloniality at Large: Latin América and the Postcolonial Debate*. Durham & London, Duke University Press, p. 182-224.
- RINESI, Eduardo. (Coord.). Ahora es cuando: Internacionalización e integración regional universitaria en América Latina. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2013.
- TANGELSON, Guillermo. Desde el sur: miradas sobre la internacionalización. Lanús, Buenos Aires. Ediciones de la UNLa. Universidad Nacional de Lanús, 2014.
- VIOTTI, Paul R. e KAUPPI, Mark V. (1987). *International Relations Theory: Realism, Pluralism, Globalism and Beyond*. New York: Macmillan.
- VAN DAMME, D. Quality issues in the internationalization of higher education. *Higher Education*, n.41, p. 415-441, 2001.